

## **REINADOS E LANÇA-PERFUMES, 1925-1975 O CARNAVAL DE SÃO FÉLIX (BA) PELAS NARRATIVAS ORAIS E JORNALÍSTICAS**

### **KINGDOMS AND PERFUME LAUNCHER, 1925-1975 SÃO FÉLIX' CARNIVAL (BA) THROUGH ORAL AND JOURNALISTIC NARRATIVES**

Valdelice da Conceição Santos <sup>1</sup>  
Daniela Abreu Matos <sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este artigo apresenta resultados de um estudo sobre as memórias e os arquivos do carnaval em São Félix, Recôncavo da Bahia, durante o período de 1925-1975. As dimensões culturais e sociais do carnaval de São Félix foram analisadas a partir das publicações em dois periódicos locais – A Vanguarda e Correio de São Félix – e dos relatos memoriais de três foliões. Esse conjunto narrativo impulsionou o exercício de uma análise cultural que, ao compreender os textos enquanto formas culturais, arrisca uma leitura sempre instável e conjuntural da realidade vivida. Nesse caminho, o estudo evidenciou uma São Félix entrelaçada às múltiplas práticas culturais e que acompanhava o movimento cultural e social do País, revelando que o carnaval foi um instrumento de sociabilidade, que proporcionou intercâmbio cultural entre foliões, fortaleceu laços identitários e explicitou tensões sociais vividas.

#### **Palavras-chave**

memória; narrativas; carnaval; São Félix.

#### **Abstract**

This article presents results of a study on the memories and archives of carnival in São Félix, Recôncavo da Bahia, during the period 1925-1975. The cultural and social dimensions of the São Félix carnival were analyzed based on publications in two local newspapers – Jornal A Vanguarda and Correio de São Félix – and the memorial reports of 03 revelers. This narrative set encouraged the exercise of a cultural analysis that, when understanding texts as cultural forms, risks an always unstable and conjunctural reading of the lived reality. Along this path, the study highlighted a São Félix intertwined with multiple cultural practices and that accompanied the country's cultural and social movement, revealing that carnival was an instrument of sociability, which provided cultural exchange between revelers, strengthened identity ties and explained social tensions experienced.

#### **Keywords**

memory; narratives; carnival; São Félix.

1 Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome/MDS, valdelicecsantos@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9047-1636>, <http://lattes.cnpq.br/4432762106893568>.

2 Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), [daniela.matos@ufrb.edu.br](mailto:daniela.matos@ufrb.edu.br), <https://orcid.org/0000-0002-3859-8488>, <http://lattes.cnpq.br/5704919732927582>.

## Introdução

A cidade de São Félix, situada a cerca de 110km de Salvador, capital da Bahia, tem uma população estimada em 11.026 habitantes, conforme o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. Integra o Recôncavo da Bahia, sendo um território marcado tanto pelas forças coloniais quanto pelas resistências afro-indígenas<sup>3</sup>. No início do século XX, o carnaval chegou a essa região, inicialmente como festa privada e, com o tempo, ganhando as ruas da cidade. Ele foi realizado entre as décadas de 1920 e 1970, composto por bailes em clubes sociais e blocos de rua.

O carnaval era um dos principais espaços de encontro dos sanfelixtas com habitantes de cidades circunvizinhas. Por meio do carnaval, havia partilha de sentimentos, histórias, conhecimento, emoções e mesmo de outras culturas. Nesse sentido, argumentamos que a festa contribuía para fortalecer as relações sociais e constituir traços da identidade cultural local. No processo de pesquisa, foram encontrados dois jornais locais da época que trazem relatos de episódios reveladores sobre práticas sociais e culturais do carnaval sanfelixta. Também ainda é possível acessar o festejo por meio de narrativas de foliões do período. Portanto, falar do carnaval nessa cidade é dialogar com o passado no presente por meio de textos jornalísticos e dos relatos dos foliões que vivenciaram e experimentaram essa festividade.

Este artigo apresenta um recorte de um projeto de pesquisa iniciado em 2012, cujo objetivo era analisar as dimensões culturais e sociais de São Félix, com base nas narrativas de periódicos e de memoriais dos foliões sobre os carnavais sanfelixtas<sup>4</sup>. Nesse sentido, o estudo buscou compreender a constituição de identidades sanfelixtas, segundo as relações cotidianas expressadas nas narrativas sobre o carnaval, seja nos documentos de época, seja no relato oral dos brincantes. Nosso argumento indica que a memória coletiva construída desse tempo se torna essencial para o processo de formação identitária do município, uma vez que contribuiu para o sujeito se sentir pertencente a esse território.

## Lugares de memória: entre arquivos e relatos orais

A memória é uma forma de conservar e relembrar experiências, vivências e demais aspectos relacionados ao passado que se faz presente. Para Halbwachs (1990), a memória não é apenas individual, porque outras pessoas também estão envolvidas nela, e sim um fenômeno coletivo e social. Isso porque “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (Halbwachs, 1990, p. 26).

3 Há uma vasta bibliografia disponível sobre o Recôncavo da Bahia conforme diferentes olhares – históricos, sociológicos, demográficos, comunicacionais, etc. Contudo, gostaríamos de destacar algumas obras literárias contemporâneas que nos ajudam a compreender e interpretar esse território e suas formas de vida, tais como: “Água de Barrela”, de Eliana Alves Cruz; “Salvar o Fogo”, de Itamar Viera Junior; “Cachoeira & a inversão do mundo”, de Maira Vale; “Memórias de uma menina da ladeira”, de Lucineide Souza; “Cartas à Tereza” e “Casamendoeira”, de Deiseane Barbosa.

4 Como produtos resultantes desse projeto, temos o Rádio-documentário “Lembranças de outros carnavais e micaretas” e a dissertação “Entre Memórias e Vivências: narrativas do carnaval de São Félix (BA) (1926-1975)”.

Na proposta construída por Pierre Nora (1993), o conceito de lugares de memória é central ao seu argumento e explicita uma dupla condição que os constitui, entre parar o tempo e continuar se metamorfoseando para que faça sentido. Nas palavras do autor, “é isso que os torna apaixonantes” (p. 22). Ele explica, ainda, que o lugar de memória apresenta três dimensões, que coexistem simultaneamente: material, simbólica e funcional.

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (Nora, 1993, p. 22).

Uma característica comum dos lugares de memória, trazida por Pollak (1992), são as lembranças coletivas que têm a função simbólica de construção de vínculos. Para o autor, os elementos que constroem a memória individual ou a coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles “vividos por tabela” – que seriam os que o sujeito nem sempre participou, mas toma como vividos.

Itala Maduell (2015), ao discutir o jornal impresso como lugar de memória, observa três sentidos do jornal, destacando sua importância como um meio que produz memória. Para ela, os sentidos propostos podem ser entendidos como:

material, tratando-se de um produto cultural, disponível para consulta em bibliotecas e bancos de dados; funcional, por seu caráter de prestação de serviços e informação; e, por último, pelo que representa no imaginário social: ‘Só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica’ (Maduell, 2015, p. 34).

Ana Regina Rêgo também frisa a importância das narrativas jornalísticas para a memória. Segundo ela, “o jornalismo torna-se influente na conformação da memória coletiva e no imaginário simbólico de um povo” (Rêgo, 2014, p. 48).

Sendo assim, a narrativa jornalística é uma peça importante para o processo de construção da memória coletiva, a qual contribui, conseqüentemente, para a formação das identidades locais, uma vez que aborda aspectos das práticas cotidianas. Ainda segundo a pesquisadora, o jornalismo também exerce influência no imaginário simbólico de um povo:

consideramos o jornalismo como lugar de memória, a partir de novos olhares sobre o texto jornalístico em um momento posterior a seu tempo de produção, pois o texto jornalístico continua, mesmo situado no passado e falando sobre um determinado presente; a reunir as três condições essenciais de consolidação de um lugar mnemônico, ou seja: material, funcional e simbólica (Rêgo, 2014, p. 48).

Assim, o jornalismo apresenta narrativas que são essenciais para compreender aspectos temporais da sociedade. Logo, desempenha uma função social e histórica na

sociedade, além de contribuir para a compreensão das práticas culturais, por meio do seu testemunho no formato de narrativas. A pesquisadora Christa Berger (2014) também pontua as potencialidades da narrativa jornalística:

A narrativa jornalística é o fio que costura as demais narrativas. Informa a eclosão do acontecimento, acompanha as repercussões, registra o retorno simbólico do acontecimento, anunciando o lançamento de livros, filmes e exposições, traz relatos dos que vivenciaram o acontecimento, acompanha as intrigas que o mantêm em pauta e subsidia a narrativa da história. E o fio da narrativa jornalística e da narrativa histórica é a memória, composta por lembranças, compromissos, não-ditos e silêncio que emolduram a narrativa do acontecimento (Berger, 2014, p. 28).

Ainda nessa visão jornalística, destacam-se, aqui, os jornais impressos os quais acumulam, ao longo dos tempos, aspectos sociais, políticos e culturais dos indivíduos – dos que narram e dos que são narrados, nos diferentes gêneros textuais. O jornal pode trazer informações significativas para elucidação ou comprovação de fatos, como os eventos culturais, tanto sobre o presente quanto sobre o passado. Rêgo (2014) ressalta o valor do referido documento:

Esse lugar de memória do jornalismo, fator constituinte e importante da memória coletiva e da memória histórica, visto que com suas imagens, mensagens, informações, notícias, etc, intervém e influi diretamente no imaginário simbólico coletivo, é fonte para as pesquisas históricas, assim como também é um componente imperativo para o desenvolvimento de uma conduta socialmente e eticamente responsável (Rêgo, 2014, p. 53).

Vale assinalar que, para além dos lugares de memórias, existe a memória recuperada pela oralidade – das ações e das relações sociais – expressadas no cotidiano pela linguagem e nas tradições culturais. Assmann (2016) traz o conceito de memória comunicativa, que se pode articular à oralidade. Essa memória é formada por um passado recente, expressada na dimensão social com a interação cotidiana, na qual o indivíduo compartilha suas memórias com outras pessoas de maneira informal. Ela “não é mantida por nenhuma instituição que vise ensinar, transmitir ou interpretar; não é cultivada por especialistas e não é convocada ou celebrada em ocasiões especiais; não é formalizada ou estabilizada por nenhuma forma de simbolização material” (Assmann, 2016, p. 119). Assim, a memória comunicativa é exteriorizada através da oralidade.

Em princípio, destaca-se que as narrativas orais são lembranças em que o sujeito busca rememorar acontecimentos passados que fazem parte de sua história de vida ou que integram seu grupo social. Logo, são marcadas por vozes diversas e atemporais.

Narrativas Oraís a linguagem falada pela pessoa a obriga a buscar vocabulário próprio, organizar seu discurso de acordo com seus valores, sua forma de ver o mundo, sua constituição cultural (crenças, valores, hábitos) e sua história de vida (de onde veio, como se formou, quais suas trajetórias, por onde passou e com quem conviveu). Enfim, após

a elaboração de todos esses elementos, o sujeito que conta a história se remete ao passado, ao que foi e ao que fez, à sua história de vida. E nessa relação entre a narrativa do passado e a lembrança do mesmo, se dá e se encontra a sua memória (Perazzo, 2015, p. 128).

Pode-se entender que o narrador discorre conforme o seu ponto de vista e de sua convicção. Assim, “a memória em seu processar comporta uma multiplicidade de tempos. No ato de lembrar, a memória busca um tempo que já passou com os interesses do tempo presente, ou seja, o tempo passado é trazido na carruagem do tempo presente” (Teles, 2007, p. 161). Às vezes, essas memórias são de vivências e de experiências de terceiros; no entanto, podem ser somadas à memória de quem narra.

Nesse sentido, nota-se que a memória é dinâmica e pode ser encontrada em diferentes formatos comunicacionais. Portanto, entender a história de uma festa popular, como o carnaval, por meio dessas memórias, ajuda a compreender, também, práticas culturais e sociais e subjetividades do indivíduo ou de grupos de uma comunidade.

## Modos de fazer

Adotamos uma abordagem qualitativa, utilizando pesquisa documental e de campo. Por sua vez, o instrumento escolhido para coleta de dados primários (pesquisa de campo) é a entrevista narrativa. Esse modelo de entrevista, embora seja com profundidade, não é constituído por perguntas estruturadas. Isso possibilita que os entrevistados tenham mais liberdade para expor suas histórias.

Segundo Bauer e Gaskell (2008, p. 93), a entrevista narrativa “tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre um acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (Bauer; Gaskell, 2008, p. 93). A escolha dessa entrevista se deve por entender que ela é um instrumento capaz de provocar os entrevistados a compartilharem, com liberdade, suas experiências e vivências dos carnavais sanfelixtas, que, conseqüentemente, entrecruzam-se em diferentes contextos da cidade, também fundamentais para a pesquisa.

Muylart e colegas sobre as características desse modo de interação enquanto instrumento de pesquisa, eles afirmam que:

As narrativas, dessa forma, são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico. Não se tem acesso direto às experiências dos outros, se lida com representações dessas experiências ao interpretá-las a partir da interação estabelecida (Muylart *et al.*, 2014, p.195).

As entrevistas aconteceram individualmente com três brincantes dos carnavais de São Félix, residentes na cidade, em dias diferentes (13/01, 17/08 e 06/09 de 2022<sup>5</sup>).

5 As conversas foram realizadas no período pandêmico da Covid-19, com autorização do Comitê de Ética. Duas delas foram feitas na casa dos entrevistados e uma na casa da pesquisadora, seguindo todos os protocolos de segurança à saúde, adotados no período da Covid-19 (máscara, distanciamento e álcool 70%). Além disso, tanto a pesquisadora quanto os entrevistados tinham sido vacinados contra a Covid-19.

A escolha dos entrevistados se justifica por relações de proximidade e devido ao fato de a pesquisadora possuir certo grau de amizade com eles e saber da ligação deles com o carnaval. O diálogo aconteceu espontaneamente com uso de pequenas perguntas que serviram como guia. Assim, a partir do material transcrito integralmente, foi realizada a categorização dessas narrativas nos moldes de uma análise de conteúdo categorial.

Esses relatos memoriais foram compartilhados por Terezinha de Jesus, nascida em 1936 na comunidade da Baixa Fria, em São Félix. Ela aprendeu costura e bordado ainda jovem e a produzir doces cristalizados e de calda – que fez questão de nos dizer que já foram exportados para Itália e Alemanha. Frequentou carnavais em Salvador, Cachoeira e em São Félix – nos desfiles de rua. Mas ela conta que a alegria de brincar o carnaval não foi mais a mesma depois que jogaram o lança-perfume no seu olho em um dos carnavais de Salvador.

Já Raimundo Moreira nasceu em 1944, em São Félix. Ele lembra que aprendeu muita coisa com o pai, um estivador muito conhecido na cidade por prestar serviços aos navios vindos da capital baiana, os quais descarregavam mercadorias nos portos do rio Paraguaçu, em São Félix. No carnaval, sempre participou como folião, mas nunca quis usar vestimenta carnavalesca. Esteve presente nos festejos da rua e no Clube Floresta, pois aproveitava a sua condição de jogador do time e não pagava o ingresso.

Por fim, a entrevistada Gisélia da Silva nasceu em 1948, no município de Cachoeira, mas ressalta que é moradora de São Félix desde 1957. Participou ativamente de diversas festas populares existentes na cidade, bem como dos ternos de Cigano, de Mudança, das Banhistas e da Cozinheira. Em relação ao carnaval, ela recorda que começou a ir ainda criança, com a mãe. Em uma dessas participações, teve o desprazer de experimentar o lança-perfume nos olhos. Mas isso não a fez desistir do festejo. Participou de desfiles nas ruas e no Clube Floresta, no qual se recorda dos concursos de rainha e das marchinhas.

Por sua vez, os dados secundários (os jornais impressos) são constituídos por sessenta e sete textos de edições do jornal *Correio de São Félix*, de 1934 a 1970, e dois textos de duas edições do jornal *A Vanguarda*, de 1924 e 1925 (únicas que fazem referência ao carnaval). Ambos os jornais circulavam na cidade e região e algumas de suas edições estão disponíveis no Arquivo Público Municipal de São Félix.

O jornal *A Vanguarda*, fundado em 1924, circulou na cidade somente até 1925; já o *Correio de São Félix* foi publicado a partir de 29 de abril de 1934, passou por uma primeira interrupção de atividades entre 1975 e meados da década de 1980 e uma segunda interrupção nos primeiros anos do século XXI, voltando a ser publicado com regularidade em 2013 até os dias atuais.

Figura 1 - Jornal *Correio de São Félix*, ano XXV, nº 1.226, 31 jan. 1959



Fonte: Arquivo Público Municipal Júlio Ramos de Almeida.

A dimensão interpretativa foi fundamentada na análise cultural, em que se refletiu os deslizamentos do texto (dos jornais e dos entrevistados) e seu contexto. Nesse sentido, a análise cultural ajuda a explicar processos socioculturais, nos quais dimensões políticas, econômicas e identitárias podem ser observadas por meio de práticas e de modos de vida dos indivíduos.

Tomando essa perspectiva analítica, em diálogo com Raymond Williams, Moraes (2016, p. 31) argumenta que “o que a análise cultural deve apontar, segundo o autor, são as interpretações, as alternativas históricas e os específicos valores contemporâneos através dos quais são trazidos para o presente uma obra, o acervo ou a experiência dos sujeitos de determinado período, de dado lugar”, ainda que também destaque para as dificuldades e desafios dessa apreensão.

No tocante à organização dos procedimentos analíticos, o mapa visual (FIGURA 2), construído no contexto da pesquisa mostra que o ponto inicial foi a leitura teórica; posteriormente, leitura e organização do material empírico; e pesquisa de campo, paralelamente. Ressaltando que a leitura dos textos teóricos fez parte de todo processo da pesquisa, de forma cíclica. Desse modo, a análise cultural foi utilizada como guia para delinear diferentes dinâmicas sociais, históricas e culturais, no período em que ocorreu

o carnaval em São Félix. Foram observados práticas, rituais e modos de vida vinculados ao carnaval, além de acontecimentos históricos e demais eventos que atravessaram o referido período.

**Figura 2 - Mapa visual da análise cultural**



Fonte: Elaboração própria

## Carnaval nos arquivos de jornais

O carnaval sanfelixta é descrito no jornal *Correio de São Félix* como uma festa da liberdade, da loucura, da quebra de rotinas e da inversão do regime dominante, ou seja, os foliões assumiriam papéis que gostariam de exercer na sociedade nos dias normais. “Os bailes, nas noites de Sábado, Domingo, e Terça Feira foram uma causa a Louca nos salões da Atlética. Dançou-se, cantou-se, pulou-se até ‘José’ chegar ao romper do dia” (Lemos, 1951, p. 1).

Tais características são apontadas pelo pesquisador Paulo Miguez como traços que marcam a festa como *tempo extraordinário*. “Inversão dos sentidos, aparente modificação das regras do cotidiano, rituais libertadores, prazer, fartura, permissividade, extroversão, vícios, música e dança, comidas e bebidas, compõem esse ‘tempo extraordinário’ que rege a ordem carnavalesca” (Miguez, 2006, p. 21).

Esse termo *tempo extraordinário* “deve ser considerado como ‘sagrado’ porque é a negação da rotina diária. Por esta via é possível se pensar na interrupção da luta diária e dos acontecimentos do dia-a-dia para se conquistar um espaço utópico e por isso ‘sagrado’” (Sebe, 1986, p. 16). Logo, segundo os textos acessados, os foliões sanfelixtas viam no carnaval uma oportunidade de extravasar os desejos reprimidos pela labuta diária, assim como os foliões de outras partes do País.

O jornal *A vanguarda* aponta que a festa modificou a rotina da cidade, dando-lhe um novo aspecto. “E durante trez dias, São Félix teve um movimento, poucas vezes re-

gistrado, que lhe dava a aparência de uma grande cidade” (Carnaval em São Félix..., 1925, p. 1). Nota-se que a principal característica dada ao carnaval foi a de uma festa alegre: “Foram em grande número os mascarados que animaram com os ditos e com a **sua ruidosa alegria** as ruas da cidade” (Carnaval em São Félix..., 1925, p. 3, grifos nossos).

A mesma característica prevalece em anos posteriores. O samba e as batucadas tornaram a festa mais divertida: “Vem aí o trem da alegria. Pela cidade, fora das camadas de elite, também se fala no carnaval. No povo aliaz está a elite do samba e das batucadas” (Carnaval ‘ta’ chegando..., 1953, p. 5). Em 1957, um terno foi organizado a fim de materializar o carnaval como, de fato, uma festa sinônimo de alegria popular. “O TERNO DA ALEGRIA desfilou pela cidade, merecendo aplausos pela cooperação emprestada ao nosso carnaval” (Somente..., 1957, p. 2).

Nota-se, então, que os relatos jornalísticos retratam um carnaval da liberdade e da alegria ao tempo em que questionam uma certa divisão social entre o carnaval da elite e do povo. Trata-se de tema bastante presente nos diferentes registros aqui sistematizados e no conjunto de reflexões teóricas sobre a relação do carnaval com a cultura brasileira.

Chamam atenção dois trechos do *Correio de São Félix* referentes ao carnaval de 1968 e de 1974, período em que o Brasil passava sob o regime da Ditadura Militar – (1964 a 1985). Na edição de 1968, foi publicada uma nota com restrições de alguns públicos, com definições de normas e controles, desestabilizando a ideia anterior de uma festa de “liberdade”. A nota diz: “Se já, avisamos que não será permitida a entrada de môças estranhas no quadro social, e rapazes, portadores de bebidas, trajando shorts” (Floresta futebol..., 1968, p. 3).

Já a menção da matéria de 1974 faz referência à presença de um delegado de polícia: “O delegado de Polícia em exercício, sr. Júlio da Silva Fraga, prestor elogiável assistência, embora sem necessidade da interferência para manutenção de ordem” (Floresta com tres..., 1974, p. 2). Assim, podemos perceber que a figura do delegado tinha o propósito de regular, coibir alguns atos vistos como ilegais e garantir a “ordem” da festa, e, com isso, o folião tinha sua liberdade festiva restringida. Verifica-se, portanto, que os foliões sanfelixtas experimentaram uma contradição entre um espaço da “suspensão” do tempo e da rotina diária e, também, da demarcação de controle.

Referente às manifestações de “elegância”, nota-se que, nos clubes sociais, o carnaval é destacado como uma “festa da elite” e “para a elite” sanfelixta. Conforme um trecho de uma publicação do jornal *A Vanguarda*, os primeiros bailes dançantes de carnaval sanfelixta se iniciam em um espaço social de uma escola, em 1925. Depois de os foliões saírem às ruas no sábado, o domingo foi reservado para a festa privada.

Observa-se, em dois trechos da narrativa jornalística, que o público-alvo do folguedo não era a classe baixa: “Uma festa verdadeiramente de requinte fidalga, que honra para a nossa elite [...] o tom de verdadeira elegancia o presidiu” (Carnaval em São Félix, 1925, p. 3). Além disso, para reforçar a ideia de que a festa era para a elite, personagens que integravam a “corte” sanfelixta, como rainha, princesas e rei, demarcavam

os espaços fechados com a ideia de nobreza. “A magestosa rainha e suas adoráveis príncезinhas do carnaval deste anno parece que transferiram a corte do céu para o imponente salão da Atlética” (Lemos, 1951, p. 1).

Também foi destaque nos jornais o carnaval nos clubes como uma festa “de família” e de ordem social. Ou seja, uma festa conservadora, marcada por medidas normativas de prevenção da moral e dos bons costumes. Observa-se que a presença da família, incluindo as mulheres, eram destacadas como uma condição de respeito. Era comum a participação familiar nos bailes, como pontua a narrativa abaixo:

Terminado ás 3 horas da madrugada, o grito do carnaval do Floresta, prejudicou na frequencia feminina pelas chuvas daquela noite, foi erigido em sucesso devido ao **numero elogiavel de familias**, fantasias e figuras da sociedade local, muritibana e cachoeirana (A hora..., 1960, p. 4, grifos nossos).

Assim, percebe-se que essas barreiras, quase sempre simbólicas, é uma das características das relações sociais e raciais vividas no Brasil, principalmente, pós-abolição. Na década de 1930, por exemplo, constitui-se fortemente o mito da democracia racial brasileira que prometia solucionar o problema da identidade nacional sob uma ideia de miscigenação que escondia a tensão e a violência das relações raciais no Brasil.

Nesse caso, haveria um país plural com branco, negro e indígena convivendo em harmonia. Porém, esse mito se desfaz rapidamente, mesmo aqui nos registros jornalísticos sobre um carnaval no interior do Brasil em que já se determinava explicitamente quem seria bem-vindo naquele lugar “familiar”, como se percebeu nas narrativas apresentadas.

Já em relação aos elementos da cultura carnavalesca, aparecem em destaque o confete, a serpentina e o lança-perfume, que começaram a fazer parte da história dos carnavais de São Félix desde os primeiros bailes, em 1925. Conforme o jornal *A Vanguarda*, ocorreram “verdadeiras batalhas de lança-perfumes e de confetti” (Carnaval em São Félix, 1925, p. 1). O *Correio de São Félix* também menciona os símbolos nos bailes de clubes. “Houve no local verdadeiras batalhas de **lança-perfumes e de confetti**, e decorrendo tudo sempre com a maior cordialidade” (Carnaval em São Félix, 1925, p. 1, grifos nossos).

Segundo relatos do *Correio de São Félix*, tais elementos trouxeram modificações na forma de brincar, os quais deram oportunidade para os foliões inovar em seus bailes, passando a ter aspectos de animação dentro dos clubes, como é descrito no jornal: “Cruzavam-se as serpentinas; confetis choviam como as estrelinhas do céu; gladiavam-se os foliões a jactos de lança-perfumes como espadachins em combate colectivo” (Lemos, 1951, p. 1). Nas ruas, observa-se a presença de outros elementos culturais: “**Todos os blocos e cordões** vieram à nossa redacção, fazendo-se, na Avenida Salvador Pinto, em frente às nossas oficinas, o ponto em que o carnaval teve mais animação e brilhantismo” (Carnaval..., 1925, p. 1, grifos nossos).

A prancha também é citada nos desfiles de rua, ela conduzia a rainha e as princesas. "O bairro do Botafogo, apresenta amanhã, uma bela prancha apresentando com o sequito a sua Rainha do carnaval" (Carnaval 'ta' chegando, 1953, p. 5). O desfile da rainha era uma das marcações do carnaval de clubes, pois mostrava à cidade que a festa era governada por pessoas da "corte", mulheres não negras, filhas das famílias mais ricas da localidade.

**Figura 3 - Rainha do Carnaval da Associação Atlética, 1953**



Fonte: Souza<sup>6</sup>, 2022, p. 45

**Figura 4 - Desfile da rainha e das princesas**



Fonte: Blog Dilermando Lemos<sup>7</sup>, 1951

6 SOUZA, O. F. O. de. Carnaval. In: SOUZA, O. F. O. de. História da Cultura de São Félix no Recôncavo Baiano. 2022. p. 45.

7 Disponível em: <http://dilalemos.blogspot.com/search?q=carnaval+1951>. Acesso em: 7 jun. 2012.

O elemento de maior impacto registrado nos jornais do período observado foi o trio elétrico, que modificou a maneira de brincar na rua. Salvador já vivia o fenômeno do trio elétrico desde o início de 1950. “O TRIO ELETRICO patrocinado pela prefeitura, recebeu merecida acolhida havendo revolucionado a cidade tendo seus componentes, entre esses, José Candido e Americo Ferreira, sob organização de Carlos Maia, dando notavel impulso às festas de rua” (Somente..., 1957, p. 2). Para Miguez (2016), de fato, é um elemento que deu novo aspecto à festa:

Do ponto de vista do gestual, da dança carnavalesca, o trio elétrico cria uma nova forma de “brincar Carnaval”. As pessoas “pulam” ao som do trio elétrico. O que quer dizer, dançam com movimentos simples e livres, executando, individualmente, uma coreografia espontânea e ímpar (Miguez, 2006, p. 87).

Assim, verifica-se que as narrativas dos jornais trouxeram diferentes aspectos existentes em São Félix, os quais comunicam experiências e imaginários. Dessa maneira, tais veículos tornam-se valiosos suportes de memória, ou seja, contribuem para a compreensão da memória social e coletiva, como pontuou Rêgo (2014).

## A folia nos bailes e no corpo

Os três foliões entrevistados são idosos e moradores de São Félix. Não foram especificadas datas nas narrativas, porém, com base no período de nascimento deles e a afirmação de participarem dos bailes ainda criança, entende-se que as histórias presenciadas aconteceram por volta de 1950 a 1970, mas vale ressaltar que outras histórias de suas lembranças, contadas pelos pais e avós, são anteriores a esse período.

Para compreender as dinâmicas do carnaval na comunidade sanfelixita e as relações dos entrevistados nesse processo, tornou-se interessante apresentar alguns relatos da participação deles nos festejos:

Eu ia com minha mãe. Minha mãe segurava a minha mão, não deixava eu sair. **Um dia jogaram lança-perfume no meu olho.** Eu gritei como o quê, que parecia pimenta (risos). Eu ia assim, mas não sai de baiana, essas coisas não. Minha mãe me levava, eu ia assim com ela, na base de uns sete anos, uns oito anos, que ela morreu eu fiquei com onze anos. (Gilselia da Silva, informação verbal<sup>8</sup>, grifos nossos).

[...] os pais da gente não deixavam a gente sair cedo não. A gente só saía com nove anos de idade. [...] Eu ia com um colega. [...] Colega mais velho, já entendeu? [...] Era pulando, junto com os colegas. As meninas passavam, **a gente pegava lança-perfume e jogava nas costas.** Porque naquele tempo não jogava no olho não, jogava nas costas das meninas pra abusar. Brincando assim no lança-perfume só naquele chapéu [risos]... todo enfeitado e tchiiin: toma lança-perfume. (Raimundo Moreira da Silva, informação verbal<sup>9</sup>, grifos nossos).

8 Entrevista cedida por SILVA, Gilselia de. **Entrevista III.** [set. 2022]. Entrevistadora: Valdelice Conceição Santos. São Félix, 2022. 1 arquivo.mp3 (26 min. e 10 seg.).

9 Entrevista cedida por SILVA, Raimundo M. da. **Entrevista II.** [ago. 2022]. Entrevistadora: Valdelice Conceição Santos. São Félix, 2022. 1 arquivo.mp3 (20 min. e 38 seg.).

Meu primeiro carnaval eu passei em Salvador e nessa época era o lança-perfume. Lança-perfume era um negócio que hoje é confete, mas **na minha época era o lança-perfume, um perfume muito gostoso que era de spray, mas o povo fazia perversidade, jogava dentro do olho da pessoa.** Ardia mesmo que pimenta, você levava mais de uma hora assim ôh, ceguerrante. E aí eu tomei raiva assim, 7 anos, 8 anos eu não fui mais. (Terezinha de Jesus Oliveira da Silva, informação verbal<sup>10</sup>, grifos nossos).

As narrativas, ainda que contenham peculiaridades dos foliões, perpassam por similaridades no que diz respeito às sensações resultantes dessas experiências e aos elementos simbólicos do festejo. O lança-perfume também aparece nos relatos dos entrevistados, conforme a fala de Raimundo da Silva, era uma diversão para ele e para o grupo de amigos; à medida que, para as demais entrevistadas, era um item usado com requintes de perversidade. Ou seja, representava, ao mesmo tempo, desejos, diversão, alegria, medos e frustrações.

Outras recordações que os entrevistados tiveram no período narrado revelam mais momentos de socialização de foliões, inclusive os espaços onde aconteciam os carnavais.

Eu já saí no carnaval aqui uma vez, era já velha. [...] Entrou um prefeito uma vez, Eduardo José de Macedo, e ele fez o carnaval de São Félix e aí **fizeram os blocos das idosas** e eu participei. Era a camisa, era a camisa. Ele deu as camisas e saia todo mundo de... todo mundo pintado e eu aproveitei e me pinte também e sai no carnaval. [...] **Aqui era bom, tinha baile.** O povo ia pra baile fantasiado (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Tinha o carnaval de clubes, sempre teve. Aqui tinha a Associação Atlética e o Floresta, tinha o Ferroviário. [...] **O carnaval antigamente seria um caminhão trio, triozinho** que antigamente não era cantado, era só no cavaquinho e fazia acompanhamento com os outros instrumentos. Não existia a voz assim não, era só no disco mesmo. Nos clubes que botava, aquele disco, - já entendeu? - do carnaval. (Raimundo M. da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Olha, **em São Félix tinha carnaval na praça. Era um caminhão e um som em cima tocando. E tinha os bailes. Na Atlético só tinha os ba-rões, as pessoas que tinham condições.** As outras pessoas iam para o Floresta e para o Ferroviário. O mais falado era o Floresta e o Atlético. Então, esse pessoal vivia assim. Tinha disputa. **No Floresta tinha concurso de beleza,** rainha de carnaval. Um ano foi Gilca, um ano foi Ivone. Pois bem, tinha concurso de rainha e de princesa. (Gilselia da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Assim como já foi identificado nas matérias dos jornais, anteriormente, os entrevistados também caracterizavam o carnaval como uma festa alegre, marcada por

<sup>10</sup> Entrevista cedida por SILVA, Terezinha de J. O. da. **Entrevista I.** [jan. 2022]. Entrevistadora: Valdelice Conceição Santos. São Félix, 2022. 1 arquivo.mp3 (38 min. e 24 seg.).

rituais como o concurso de rainha e de princesa, bailes à fantasia nos clubes e de blocos na rua. Raimundo da Silva e Gilselia da Silva também mencionam um carnaval de rua mais moderno, com aparato semelhante aos carnavais de Salvador: “caminhão”, um “triozinho”, revelando uma modernização do festejo. O jornal *Correio de São Félix* também pontuou a presença de um trio ainda nos anos de 1960.

Outro trecho relevante está na fala de Gilselia da Silva, de que havia clubes destinados a determinados grupos sociais, corroborando com relatos do jornal *Correio de São Félix* sobre as demarcações sociais no âmbito da festa: “Na Atlética só tinha barrão[...] as outras iam para o Floresta e o Ferroviário”. E, ainda, aquelas pessoas que não iam aos clubes e experimentavam apenas os blocos e cordões de rua, conforme o Sr. Raimundo Ferreira relata que “o povo mais fraco” brincava na rua mesmo: “Não ia pro clube, esse clube – eu esqueço o nome toda hora – não ia pro Atlética porque não tinha condições, mas podia brincar à vontade” (Raimundo M. da Silva, informação verbal).

Não era tão caro, **era também selecionado**. Como eu te falei, **as pessoas da alta sociedade era que participavam lá. As outras pessoas vinham pra o Floresta**. Aí tinha concurso de beleza, essas coisas todas. Todo ano tinha rainha e princesa, todo ano. **A Atlética [...] era fechado, tinha porta, janela..., o Floresta não, tinha abertura nas laterais e as pessoas podiam tomar fresco e tudo e lá era fechado**. Eu nunca fui lá não (Gilselia da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Figura 5 – *Correio de São Félix*, ano 87, n. 2.579, fev. 2022 <sup>11</sup>



Fonte: Arquivo pessoal da autora da pesquisa

As dinâmicas que caracterizam os espaços festivos – rua e clube – também são marcantes nas narrativas orais que trazem elementos significativos que ajudam a caracterizar a festa em ambos os ambientes.

<sup>11</sup> A imagem da Figura 5 refere-se à publicação do Espaço Memória Viva de fevereiro de 2022, no jornal *Correio de São Félix*, a qual traz uma fotografia de 1935 do cortejo do bloco “As Catarinas” – manifestação cultural local, hoje inexistente na cidade.

No da rua o bloco saia tocando e as pessoas iam entrando. Cada um ia chegando, e outros iam saindo. **Iam entrando no meio da charanga.** Agora tinha vez que tinham umas pessoas, assim, que usavam máscara... careta, chamava careta. **Tinha careta, mandu, cabeçorra**<sup>12</sup>... **tudo isso tinha no carnaval de rua.** E era antes de 'de noite.' Que de noite tinha os bailes. Aí de noite nos bailes já não tinha negócio de bloco. [...] Antigamente os blocos era cercado de corda. Tinha o cordeiro pra não deixar entrar ninguém diferente no bloco. Agora assim, todo mundo de vestimenta, né? (Gilselia da Silva, informação verbal, grifos nossos).

**[...] Aqui o carnaval era no porto, pra o povo mais fraco brincar na rua. Quem tinha dinheiro ia pra o clube, quem não tinha ia pra rua. O carnaval era assim. [...] Agora tinha os blocos. Saia os blocos no carnaval, cada um com sua vestimenta [...]** No clube era... era roupa normal. Não precisava de... Depois que foi chegando uma pessoa se arrumando, se vestindo na roupa de carnaval, entendeu? Mas antes ia como se fosse, assim, na rua. **[...] No de rua era selecionado porque as pessoas não podiam comprar vestimenta pra participar dos blocos, era tudo com roupa, com roupas iguais.** Aí saía pela rua desfilando com o conjunto, né? Tocando e tal, num carro. Um carro de som no carnaval, agrupando os blocos. **Tinha corda para segurar, pra proteger o pessoal do bloco.** O porto ali de São Félix ficava cheio de gente. [...] Tinham as barraquinhas para tomar cerveja, né? (Raimundo M. da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Nota-se um elemento no carnaval, não visto nos relatos de jornais, que é a presença de corda nas ruas, usada para separar os participantes dos blocos dos demais foliões. Componente que simboliza uma hierarquia social na ocupação do espaço público da festa e que se reproduz na relação bailes X rua, mas também na rua com a distinção blocos de corda X folião comum (contemporaneamente chamado de folião pipoca). Algo semelhante a outras experiências carnavalesca, como de Salvador, que perdura até os dias atuais com os "blocos de trio" e "camarotes". Raimundo da Silva ainda fala sobre a presença de um trenzinho, que arrastava os blocos, e das roupas padronizadas usadas nos foliões, que seria uma espécie de abadá.

Os bailes, que aconteciam após os blocos de rua, não desfrutavam de tais componentes, havia ainda mais formalidade. A rua aparece como um espaço que, além de propiciar aos foliões uma sociabilidade, os identificam como brincantes mais livres de regras hierárquicas. Ainda assim, notamos as marcações de estratificação social nos dois ambientes festivos, segundo os relatos.

Na rua, apenas participava dos blocos quem tinha condições para comprar vestimentas, caso contrário, acompanhava nos cantos da rua, fora dos blocos. Isso já não era possível nos clubes, por se tratar de um espaço fechado, não havia nenhum tipo de participação não autorizada. Observa-se, ainda, na rua uma competição, não institucio-

12 Tanto a cabeçorra quanto o mandu são tipos de fantasias (máscaras) usadas na Festa D'Ajuda, em Cachoeira. A cabeçorra é uma cabeça bem grande, com duas aberturas no lugar dos olhos, feita com papel e cola, e é usada sobre a cabeça do personagem. Já o mandu é um personagem caracterizado com um lençol florido sobre uma arupemba, amarrado na cintura, que forma uma cabeça enorme; na direção da cintura fica presa uma vara na horizontal que dá formato dos braços; e é vestido de paletó, gravata, calça social e sapatos velhos, imitando um anão. A Festa D'Ajuda é um evento popular que acontece na cidade de Cachoeira desde o século XIX, em data móvel, entre outubro e novembro. Nesse festejo, os brincantes saem por diversas ruas da cidade, acompanhados de orquestras e charangas, a maioria deles vai fantasiado. A festa é Patrimônio Imaterial pelo Decreto nº 17.590, 4 de maio de 2017.

nalizada, entre os blocos, como: a exibição de número de brincantes, de vestimentas e de fantasias.

Nota-se, também, que se depositava grande expectativa nos festejos carnavalescos da cidade de São Félix. Houve significativa mudança na rotina do local, de maneira simbólica e estrutural. Terezinha de Jesus se recorda dos doces vendidos naquele período e afirma que eram comercializados apenas alimentos mais tradicionais, típicos da festa. Já Raimundo da Silva e Gilselia ressaltam a movimentação que ocorria na cidade no período carnavalesco.

Eu era pequena. **Tinha as mulheres vendendo doce**, cada qual com a sua... com seu balaiozinho. Ora, tem um nome. Com suas... era até de tábua, eu esqueci o nome, mas com suas barraquinhas. Todo mundo vendendo seus doces: era ponã, era queijada, aquelas bolachinhas enroladas na mão. Não é hoje como vende tudo. Vende tudo hoje que você queira. Vende fruta hoje nas festas, o que você queira, mas antigamente não. (Terezinha de J. O. da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Muito movimentada, né? Muita gente de fora participava, vinha apreciar o carnaval. Era a alegria. Você sabe, né? **Eu não podia ir, ficava chorando, quando era menino (risos)**. Ficava em casa chorando, doido pra ir pro carnaval.[...] Vinha gente de Cruz das Almas, Muritiba, entendeu?... Salvador. Vinha os carros pra fazer o carnaval. De Salvador... vinha no navio Paraguassu, o pessoal vinha de Salvador e soltava; ficava em Cachoeira pra fazer o carnaval em Cachoeira e em São Félix (Raimundo M. da Silva, informação verbal, grifos nossos).

Ficava movimentada. O povo tem saudade até hoje, os mais velhos, né? Porque agora tem muita gente nova. Eu tenho setenta e quatro anos, então, eu vi muita coisa.

[...] Vinha gente de fora também, mas o pessoal aqui participava (Gilselia da Silva, informação verbal).

A fala de Raimundo da Silva leva a imaginar uma São Félix agitada, com seu povo eufórico para apreciar a festa, a ponto de aguçar a curiosidade dele, quando criança, que se entristecia por não ter conseguido participar daquele festejo contido no seu imaginário. Aqui, o carnaval se apresenta novamente como um contraponto à vida cotidiana, no sentido de quebrar a rotina de trabalho e proporcionar um momento de lazer, de encontro e de intercâmbio cultural e social entre os brincantes. Além disso, reforça que a referida festa popular constituiu um mosaico artístico de múltiplos processos e práticas culturais.

Percebe-se que perpassa, em todas as narrativas, lugares que evocam memórias, seja no sentido material, funcional ou simbólico – memórias estas que podem ser classificadas como memória cultural (Assmann, 2016). Destacam-se comportamentos ritualizados como as danças, o desfile dos ternos, o uso de máscaras e os bailes. Também é lembrado componentes festivos, a exemplo da charanga, do lança-perfume, do confete, da serpentina e dos cordões; e os espaços festivos: o porto – que é a avenida Salvador Pinto – e os clubes sociais.

Notamos que as festas carnavalescas ganharam fama e prestígio popular, pois a brincadeira trazia forte expressão cultural e se tornou uma das referências na cidade e na região, atravessando algumas gerações. A fala dos três entrevistados leva a imaginar uma São Félix agitada, com seu povo eufórico para apreciar a festa. Além disso, reforça que a referida festa popular constituiu um mosaico artístico de múltiplos processos e práticas culturais.

## Considerações finais

As narrativas jornalísticas e orais contribuíram para refletir sobre os acontecimentos vivenciados entre 1925 e 1975 na cidade e como o carnaval se constituiu ao longo do tempo. Relatos dos jornais *Correio de São Félix* e *A Vanguarda* e narrativas orais mostram uma São Félix marcada pelo ritual festivo do carnaval e suas complexidades. Nota-se, ainda, que a cidade se manteve atualizada das novidades do mundo carnavalesco, pois diversos elementos incrementados vieram das grandes cidades como Salvador e Rio de Janeiro. Além disso, há uma experiência ambígua dos foliões, a qual estava imbricada entre liberdade e controle, devido à censura imposta na sociedade.

As narrativas memoriais que os foliões elaboraram sobre os carnavais sanfelixtas permitiram compreender subjetividades e aspectos simbólicos ritualizados e reiterados. Foi possível construir quadros de referências do cotidiano local com memórias que não são limitadas ao período festivo, mas que correspondem também a diversos movimentos culturais, econômicos e sociais, inclusive, ligados a outras cidades.

Dessa maneira, esses dados mostram uma São Félix presa à discriminação econômica e a preconceitos raciais, que, muitas vezes, aconteciam explicitamente, assim como visto nos relatos jornalísticos e nas narrativas dos brincantes. Porém, evidencia-se, ainda, uma cidade de um povo que soube encontrar estratégias de afirmação identitária, utilizando-se de diversos elementos para recriar eventos e reorganizar espaços festivos populares.

Também se percebe que perpassa em todas as narrativas, lugares que evocam memórias, seja no sentido material, funcional ou simbólico. Entre esses lugares, destacam-se elementos ritualizados como fantasias, ternos, concurso de rainha e cordões. Além da charanga, do lança-perfume, do confete, da serpentina, das máscaras e dos espaços festivos. Ou seja, as narrativas revelam que as memórias dos foliões se cruzam entre diferentes eventos e práticas cotidianas, em que os sujeitos sanfelixtas buscam laços de afirmação e de reconhecimento.

## Referências

A HORA do rei momo. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XXV, n. 1.272, 20 fev. 1960. p. 4.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. Trad. Méri Frotscher. **Revista História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagens som: manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BERGER, C. Potencialidades das narrativas históricas e jornalística. In: RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha; MIRANDA, Marcela (Orgs.). **Narrativas do jornalismo & narrativas da história**. Porto, Portugal: Mediaxxi Formalpress, 2014. p. 17-31.

CARNAVAL EM SÃO FÉLIX. Alegria popular – os blocos – O concurso dos blocos – A avenida – A animação dos folguedos – Várias notas. **Jornal A Vanguarda**, São Félix, ano 2, n. 27, 1 mar. 1925.

CARNAVAL “TA” chegando. **Jornal Correio de São Félix**, São Félix, ano XIX, n. 917, 7 fev. 1953. p. 5.

FLORESTA COM TRES grandes bailes. **Correio de São Félix**, São Félix, ano 43, n. 2.193, 15 fev. 1974. p. 2.

FLORESTA FUTEBOL Clube. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XXXVI, n. 1.668, 15 fev. 1968. p. 3.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. **São Félix**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felix/panorama>. Acesso em: 27 maio 2024.

LEMOS, A. de. Na associação Atlética. **Correio de São Félix**, São Félix, ano XVII, n. 815, 10 fev. 1951. p. 1.

MADUELL, I. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 4, n. 1, p. 31-39, jan./jun., 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4007/2352>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MIGUEZ, P. C. **Carnaval baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios**. 2006. 235f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://academiadosamba.com.br/monografias/paulomiguez.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

MORAES, A. L. C. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490> Acesso em: 15 maio 2022.

MUYLAERT, C. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm USP**, v. 48, n. 2, p. 193-199, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyX-VhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 10, p. 12, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 7 nov. 2021.

PERAZZO, P. F. Narrativas Orais de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v. 16, n. 30, p. 121-131, jan./abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol16n30.2754>. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/2754](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754). Acesso em: 11 out. 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 1-16, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 16 nov. 2020.

RÊGO, A. R. Jornalismo: temporalidades, ética e memória. In: RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha e MIRANDA, Marcela (Orgs.). **Narrativas do jornalismo & narrativas da história**. Porto, Portugal: Mediaxxi Formalpress, 2014. p. 33-55.

SEBE, J. C. **Carnaval**, Carnavais. São Paulo: Ática, 1986.

SOMENTE a chuva estragou o brilhantismo do carnaval. Os clubes, a prefeitura admirável homenagens ao rei Momo. **Jornal Correio de São Félix**, São Félix, ano XXIII, n. 1.127, 9 mar. 1957. p. 2.

TALLES E. L. História oral: Entre teoria e prática. Ponta de Lança: **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 1, ano 1, p. 160-164, out. 2007.

WILLIAMS, R. Teoria cultural. In: WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido em: 15 ago. 2024  
Aprovado em: 05 out. 2024